

A Fala Analítica**

Maurice Blanchot*

Pensando em Freud, não duvidamos que ele tenha tido uma reencarnação tardia, última talvez, do velho Sócrates. Que fé na razão! Que confiança no poder libertador da linguagem! Quanta virtude concedida à relação mais simples: um homem que fala, um homem que escuta. Eis então que não somente os espíritos, mas também os corpos se curam. Para evitar qualquer interpretação grosseira e mágica desse fenômeno maravilhoso, Freud precisou de um esforço de elucidação obstinado, ainda mais necessário porque seu método tinha uma origem impura, tendo-se iniciado junto ao magnetismo, à hipnose e à sugestão... Será que a relação, mesmo reduzida a uma relação de linguagem, entre médico e paciente, não permanece essencialmente mágica? A magia nem sempre pede cerimônia, nem a imposição das mãos ou o uso de relíquias. Ela já está ali onde um homem é importante junto ao outro, e se existe entre um simples paciente e seu médico, uma relação de autoridade onde este sempre abusa de sua importância, é pela simples razão de que o paciente se comporta ou é tomado como sem razão. Em qualquer clínica psiquiátrica, esta impressão de violência choca o espectador, que no mais acrescenta-se a esta violência pelo espetáculo. As falas não são livres, os gestos enganam. Tudo o que um diz, tudo o que faz o outro, paciente ou médico, é astúcia, ficção ou prestígio. Estamos em plena magia. E quando Freud descobriu - não sem incômodo - o fenômeno da transferência, na qual ele precisou encontrar o equivalente da relação de fascinação própria à hipnose, ele poderia ter procurado nela a prova de que o que se passava entre

as duas pessoas reunidas colocava em jogo forças obscuras, ou relações de influência que desde sempre se atribui à magia das paixões, mas ele se fixa admiravelmente em seu pressentimento de que o médico desempenha um papel, não encantado, porém mais oculto: ninguém pode ser, por isso, muito positivo, mas sim uma presença-ausência na qual vem retomar forma e expressão, verdade e atualidade, algum drama antigo, algum acontecimento real ou imaginário, profundamente esquecido. O médico não estaria ali por si mesmo, mas no lugar de outro, ele desempenha por sua simples presença, o papel de outro, ele é outro, o outro antes de tornar-se outrém. Freud neste ponto, tenta substituir, talvez antes de sabê-lo a magia pela dialética, mas a dialética pelo movimento de outra fala.

Em todo caso, se ele o sabia, isso foi rapidamente negligenciado, e podemos lamentar, mas também pensar que foi uma sorte, porque Freud, em lugar de se servir de um vocabulário filosófico estabelecido e de noções precisas e já elaboradas, foi conduzido a um extraordinário esforço de descoberta e invenção de linguagem que lhe permitiu relatar, de maneira evocadora e persuasiva, o movimento da experiência humana, seus laços, seus momentos, onde cada vez, em um estágio mais elevado, um conflito - o mesmo

* Blanchot, M. - La Parole Analytique. In "l'Entretien Infini", France, Gallimard, 1969, p.343/354.

Tradução: Helena Gloria Ferreira

Revisão: Suzana Alves Viana



conflito -, insolúvel e que é preciso resolver, leva o indivíduo para mais longe, indivíduo que aí se educa, se altera ou se quebra(1).

O que é impressionante, é a espécie de paixão pela origem com que Freud é animado, - e que ele experimenta também, de início, em sua forma inversa: repulsa com relação à origem(2).

(1) Na correspondência que Freud manteve com W.Fliess, de 1887 a 1902, correspondência até recentemente inédita e que acaba de ser traduzida em francês (*La Naissance de la Psychanalyse*), seguimos essa tentativa, os meandros e os ensaios vão, notamos as renúncias, os silêncios, a necessidade do saber que se forma precipitadamente a partir dos pensamentos e das definições. Há frases comoventes: em 1893, ainda longe do que será a psicanálise, Freud escreveu ao seu amigo: "estou muito velho, muito preguiçoso e muito assoberbado por uma pilha de obrigações para poder aprender algo novo." Mas em 1897: "Nós não naufragaremos. No lugar da passagem que procuramos, descobriremos talvez oceanos que nossos sucessores deverão explorar mais profundamente. No entanto, se não virarmos prematuramente o barco e se nossa constituição resistir, nós conseguiremos. Chegaremos lá."

(2) Correspondência com Fliess confirma o que já sabíamos: só a auto-análise, depois da morte do pai, permitiu que Freud não mais buscasse a origem da neurose numa cena de sedução real - todas as suas pacientes, estranhamente, tinham um pai, um tio ou um irmão que as seduziram na infância -, mas permitiu que chegasse à idéia do complexo, particularmente do complexo de Édipo, cuja configuração lhe era dissimulada pela estranha estrutura de sua própria família. "Minha auto-análise é realmente, nesse momento, o que há de mais essencial e promete ser para mim da maior importância se eu conseguir terminá-la." "Algo vindo das profundezas abissais da minha própria neurose se opõe ao que proponho ainda para a compreensão das neuroses." "Essa análise é mais incômoda que qualquer outra e é ela também que paralisa o meu poder de expor e de comunicar as noções já adquiridas." Mas a auto-análise é realmente possível? "Uma verdadeira auto-análise é realmente impossível, mas sem essa impossibilidade não haveria mais doença." Que Freud sempre necessite de um amigo a quem expor seus pensamentos, à medida que eles se descobriam, isso parece estar bem de acordo com o seu método de análise: amigo esse que vira frequente rapidamente inimigo. Constatamos também em Freud um apaixonante vaivém nos pensamentos, o que em parte explica porque tão rígido com o princípio de seu método, ele renuncia tão livremente e tão facilmente a tais esquemas de explicação, os quais seus discípulos transformarão naturalmente em dogmas: "Às vezes os pensamentos fazem tanto barulho na minha cabeça que espero que eles me deixem explicar tudo... Depois essas idéias fogem novamente sem que eu me esforce em memorizá-las visto que o surgimento delas no consciente e consequente desaparecimento não dão nenhuma uma informação palpável sobre seu destino."

E assim ele convida cada um a buscar, atrás de si, para aí encontrar a origem de qualquer alteração, um fato primeiro, individual, próprio a cada história, uma cena, algo de importante e transtornante, mas que aquele que a experimenta não pode nem dominar nem determinar e com a qual ele tem relações essenciais de insuficiência. Por um lado, trata-se de voltar ao começo; esse fato será singular, vivido como único, no sentido de inefável e intraduzível. Mas, ao mesmo tempo, esse fato não é único: é o centro de um conjunto instável e fixo de relações de oposição e identificação; não é um começo: cada cena está sempre pronta a se abrir para uma cena anterior, e cada conflito não é tão somente ele mesmo, mas a retomada de um conflito mais antigo, que a reanima e no nível do qual ele tende a se restabelecer. Ora, toda vez, essa experiência foi a de uma insuficiência fundamental; cada um faz a experiência de si como insuficiente. Como se não tivéssemos acesso às diversas formas da existência senão quando privados de nós e privados de tudo. Nascer é, depois de ter tido todas as coisas, ter falta de todas as coisas, e principalmente falta de ser, se a criança não existe nem como corpo constituído, nem como mundo. Tudo lhe é exterior, e ela não é quase nada além desse exterior; o fora, a exterioridade radical sem unidade, a dispersão sem nada que se dispersa; a ausência que não é ausência de nada é em primeiro lugar a simples presença da criança. E toda vez que ela pensa ter conquistado uma relação de equilíbrio com o meio, toda vez que ela recupera um pouco de vida imediata, ela precisa ser privada novamente (o desmame, por exemplo). É sempre através da falha e pela exigência dessa falha que se forma o pressentimento do que ela será, sua história. Mas essa falha, é o inconsciente: a negação que não é somente falta, mas tem relação com o que falta - desejo. Desejo cuja essência é de ser eternamente desejo, desejo do que é impossível de alcançar e até de desejar.

É sabido que a sorte do homem está em nascer prematuramente, e que ele deve a sua força à sua fraqueza, força que é força da fraqueza, isto é pensamento. Como Pascal quis sem dúvida dizer, foi necessário primeiramente que o homem se fizesse volúvel para tornar-se pensante. Mas essa falha original donde tudo lhe veio, essa falha sentida como pecado, os interditos que preservam a falha e nos impedem de satisfazê-la para que nunca possamos ter nem ser, sempre afastados do que nos é próximo, sempre

destinados ao estranho: essas vicissitudes, essas dificuldades felizes, esses episódios assustadores que enchem a história da nossa cultura são inicialmente a expressão da nossa própria experiência. Estranha experiência: tão puramente que nós possamos pensar, sempre é possível ouvir nesse puro pensamento a repercussão dos acidentes da história original do pensador, e ouvir esse pensamento, entendê-lo a partir dos acidentes obscuros de sua origem. Temos ao menos isto, essa certeza de nós mesmos, esse saber do que nos é mais particular e mais íntimo, e se não temos mais puro pensamento, temos, em seu lugar, e conhecemos, a farpa na carne onde ela ainda está, voltando a esses primeiros momentos, onde algo de nós continua fixado e onde nos demoramos indevidamente. Eis onde então tudo teria começado. Sim, se tratasse de momentos realmente primeiros. Mas cabe à força da análise de dissolver tudo o que parece primordial numa anterioridade indefinida: todo complexo dissimula sempre um outro, e todo conflito primordial, só o vivemos como o tendo já vivido, vivido como outro e como vivido por outro, nunca o vivendo conseqüentemente, mas revivendo-o e não o podendo viver, e é precisamente essa defasagem, essa inextricável distância, esse aumento e desdobramento indefinido que, toda vez, constitui a substância do episódio, sua fatalidade infeliz, como sua força formadora, que o torna ilusório como fato e fascinante como lembrança. Será que nunca realmente aconteceu? Não importa, pois o que conta é que, sob a interrogação insistente do silêncio do psicanalista, pouco a pouco nos tornamos capazes de falar, de relatar, de fazer desse relato uma linguagem que se lembra e dessa linguagem a verdade animada do acontecimento imperceptível, - imperceptível porque é sempre falho, uma falha em relação a ele próprio. Fala libertadora onde o acontecimento se encarna exatamente como falha e assim finalmente se realiza.

À situação da análise tal como Freud a descobriu é uma situação extraordinária, parece saída do encantamento dos livros. Este relacionamento, como dizem, do divã e da poltrona, essa entrevista nua, em um espaço separado, entrincheirado do mundo, duas pessoas, invisíveis uma à outra, são pouco a pouco chamadas a se confundirem com o poder de falar e o poder de escutar, a não ter nenhuma outra relação senão a intimidade neutra das duas faces do discurso, essa

liberdade que se torna o mais cruel constrangimento, essa ausência de relação que se torna, por isso mesmo, a mais obscura relação, a mais aberta e a mais fechada. Aquele que, de todo jeito, não deve cessar de falar, dando expressão ao incessante, dizendo não somente aquilo que não se pode dizer, mas falando pouco a pouco como que a partir da impossibilidade de falar, impossibilidade que já está sempre nas palavras, não menos alguém delas, vazio e branco que não é segredo, nem coisa calada, mas coisa sempre já dita, calada através das palavras que a dizem e calada nelas - e assim tudo é sempre dito, e nada é dito; e aquele que parece o mais displicente, o mais ausente dos ouvintes, um homem sem rosto, quase um alguém, espécie de qualquer um equilibrando qualquer coisa do discurso, como um vazio no espaço, um vazio silencioso que é no entanto a verdadeira razão do falar, rompendo sem cessar o equilíbrio, fazendo variar a tensão nas trocas, respondendo sem responder, e transformando insensivelmente o monólogo sem saída em um diálogo onde cada um falou.

Quando se constata o escândalo que Jacques Lacan provocou em certos meios da psicanálise ao identificar a identidade da diferença - a pesquisa, o saber, a técnica psicanalíticos com as relações básicas da linguagem, podemos nos espantar - no entanto, sem espanto -, de tanto que parece evidente que o principal mérito de Freud foi de enriquecer a "cultura humana" com uma maneira surpreendente de diálogo, onde talvez - talvez - viesse à baila algo que nos esclarecesse sobre nós mesmos através do outro quando falamos⁽³⁾. Diálogo entretanto estranho, estranhamente ambíguo por causa da situação sem verdade dos dois interlocutores. Cada um engana o outro e se engana a respeito do outro.

(3) La psychanalyse: sur la parole et le langage (P.U.F.) um grupo de psicanalistas franceses reuniu-se em 1953 para fundar a "Sociedade Francesa de Psicanálise". O Volume publicado em 1956 com esse título (fato de relevância) constitui a primeira coletânea de trabalhos. O relato de Jacques Lacan, *Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise* (Fonction e champ de la parole et du langage em psychanalyse), relato lido e debatido em Roma em 19 de setembro de 1953, constituiu o centro (já descentrado). As observações então publicadas e acima reproduzidas só estão relacionadas com esse texto de Jacques Lacan. Acrescentei, na época, esta questão: trata-se de uma nova orientação da psicanálise? De uma virada, sem dúvida, que constitui a volta ao pensamento de Freud como certas formas da filosofia e do saber contemporâneos, libertados deles mesmos, esclareceriam e confirmariam, ou seja, a própria ciência como possível.

Um está sempre pronto a crer que a verdade do seu caso existe, formada e formulada naquele que escuta e que só dá provas de má vontade ao não revelá-la(4). O outro que não sabe nada está sempre pronto a crer que sabe alguma coisa, porque dispõe de um vocabulário e de um enquadramento pretensamente científicos onde só falta a verdade se encaixar. Ele escuta então a partir de uma posição de força, não mais como um simples ouvido, um puro poder de escuta, mas como um saber que desde o início já sabe muito, julga, avalia o paciente, e, nessa linguagem imediata, ouve sabiamente e decifra habilmente uma outra linguagem - a dos complexos, das motivações ocultas, das lembranças esquecidas com a qual ele entra em comunicação, para que, por um sistema de eclusas e de barragens, essa fala ainda muda se levante no falante, nível por nível, até a decisão da linguagem manifesta. Mas como o paciente não está proibido de ler as obras de Freud, ele não é mais inocente, no começo do que o homem douto da poltrona, e mesmo se ele não se serve de Freud para resistir a Freud, não será fácil chegar, entre essas duas pessoas, à dissimulação mais profunda que é chamada a emergir de tal encontro.

Que o psicanalista deve ser psicanalisado, é uma exigência a que ele está sempre pronto a se submeter tradicionalmente, porém menos à vontade para submeter o que ele sabe e a forma como ele sabe: como se psicanalisar do seu saber e dentro desse mesmo saber? Todavia, se a psicanálise tornou-se uma “ciência objetiva” como as outras, que pretende descrever e determinar a realidade interior do sujeito, manobrá-lo com o auxílio de receitas testadas e reconciliá-lo consigo mesmo, tornando-o cúmplice de fórmulas satisfatórias, isso não decorre somente do peso natural das coisas, da necessidade de certeza, do desejo de imobilizar a verdade para dispor dela comodamente, da necessidade enfim de ter mais do que uma ciência de segunda categoria; é também porque à fala errante que ele suscita responde no médico uma profunda ansiedade que tenta satisfazer-se através do apelo a um saber pronto, através da crença no valor explicativo de alguns mitos, e também

através da ilusão de que além da linguagem entra-se realmente em relação com a vida íntima do sujeito, com sua verdadeira história, com toda uma série de cacarecos pedante e fútil em que se mexe e se remexe à vontade, a fim de se encontrar exposto, numa relação de desigualdade desconhecida, com a fala vazia - vazia, mesmo quando cheia - que só pede para ser escutada. Sabemos que a psicanálise virou em muitos casos uma disciplina de apoio e que muitos dos que se pretendem inspirados nela não hesitam em usar os métodos comuns da observação médica. Talvez seja inevitável. Mas como é que não se vê que a “relação”, proposta por Freud, fica destruída na sua essência? Como se pode esperar reconciliar em si a psicanálise que questiona continuamente o sujeito no mesmo lugar em que ele está como observador, como pensador, sábio ou falante, com a psicanálise tomada rapidamente como a afirmação ingenuamente absoluta de um saber cientificamente certo, que explica uma realidade objetivamente determinada?

O esforço de Jacques Lacan está precisamente em nos trazer de volta a essa essência do “diálogo” psicanalítico que ele entende como a forma de uma relação dialética que no entanto recusa (desagrega) a própria dialética. Ele utiliza fórmulas do gênero: “O sujeito começa a análise falando dele sem lhe falar - ou falando-lhe sem falar dele. Quando ele puder falar-lhe dele, a análise estará terminada. “Ele mostra ainda que o essencial da análise, é a relação com o outrém, nas formas que o desenvolvimento da linguagem possibilita. Liberta a psicanálise de tudo o que a torna ora um saber objetivo, ora uma espécie de ação mágica; denuncia o preconceito que conduz o analista a buscar além da fala uma realidade com a qual ele se esforça em entrar em contato: **“Nada poderia afastar mais o analista do que a busca em guiar-se por um pretenso contato experimentado com a realidade do sujeito... A psicanálise permanece uma relação dialética onde a não-atuação do analista guia o discurso do sujeito em relação à realização de sua verdade, e não para uma relação fantasmática onde dois abismos se tocam.”** “Não tem importância se o sujeito se lembrou do que quer que seja: ele somente relatou o acontecido. Ele transmitiu pelo verbo ou mais precisamente no epos onde ele ajusta o momento presente às origens da pessoa”, “Não se trata da rememoração psicanalítica da realidade, mas da

(4) Jacques Lacan diz de modo flagrante: “A ilusão que nos leva a buscar a realidade do sujeito além do muro da linguagem é a mesma com que o sujeito pensa que sua verdade já está dada em nós, que a conhecemos de antemão...”

verdade..." Esse esforço de purificação, que só está começando, é certamente uma grande empreitada, e não só para a psicanálise(5).

A originalidade do "diálogo" psicanalítico, seus problemas, seus riscos e quem sabe no final, sua impossibilidade, só aparecem melhor. Essa libertação de fala em si representa uma aposta comovente em prol da razão entendida como linguagem, e da linguagem entendida como poder de meditação e reunião no seio da dispersão. O que fala e que aceita falar através do outro encontra pouco a pouco os caminhos que farão da sua fala a resposta à sua fala. Essa resposta não lhe vem de fora, fala de oráculo ou palavra de Deus, resposta do pai ao filho, de quem sabe àquele que não quer saber mas obedecer, fala petrificada e petrificante que se gosta de carregar assim como uma pedra no lugar de si. É preciso que a resposta, mesmo vinda de fora, venha de dentro, retorne ao que escuta como o movimento de sua própria descoberta, permitindo-lhe reconhecer através desse estranho, vago e profundo outrém que é o psicanalista e em quem se particularizam e se universalizam todos os interlocutores que não o escutaram na sua vida pgressa. O duplo aspecto desse diálogo é que sobra uma fala solitária destinada a encontrar sozinha os seus caminhos e a sua medida; no entanto, exprimindo-se sozinha, só consegue realizar-se como relação verdadeira com um outrém verdadeiro, relacionamento onde o interlocutor - o outro - não pesa mais na fala que disse o sujeito (tão afastado de si quanto do centro), mas a escuta e ao escutá-la responde, através dessa resposta que o torna responsável, torna-o realmente falante, faz com que ele tenha falado verdadeiramente e de verdade.

A palavra verdade que aqui aparece e que Jacques Lacan emprega judiciosamente em vez da palavra realidade é, com certeza, mais fácil de desmentir, já que está sempre deslocada, desconhecida pelo saber que dela dispõe para o conhecimento, de modo que talvez fosse melhor renunciar a isso, se não fosse o problema colocado pelo tempo e principalmente o da duração do tratamento, pois não se deve esquecer de que o sujeito nem sempre é um diletante em busca de si próprio, mas alguém profundamente lesado que convém "curar". Quando então o tratamento chega ao fim? Dizem: quando tanto o paciente quanto o analista ficam satisfeitos. Resposta com a qual podemos sonhar. Como não se trata aqui de uma satisfação de humores, mas de uma espécie de contentamento que é a sabedoria, é o mesmo que dizer que é preciso aguardar o final da história e o contentamento supremo que é o equivalente da morte: Sócrates já o sugeria. Isso não é uma crítica. É uma das facetas impressionantes da análise, que ela esteja ligada à necessidade sempre de ser "finita e infinita" ("terminada e interminável") segundo a expressão de Freud. Quando começa, ela já começa sem fim. A pessoa que se submete a ela entra em um movimento cujo término é imprevisível, em um raciocínio cuja conclusão traz consigo, uma espécie de novo poder, a impossibilidade de concluir. É que, falando prematuramente, o que aqui toma a palavra é o incessante e o interminável: a eterna repetição que o paciente achou necessária, mas para a qual ele terminou formas fixas inscritas dali em diante em seu corpo, seu comportamento, sua linguagem. Como pôr fim ao interminável? Como poderá a fala realizar-se precisamente enquanto infinita, e precisamente ter fim e significado no reinício do seu movimento sem fim? E sem dúvida dizem-nos que se trata primeiramente de uma mensagem limitada que deve expressar-se (decifrada) quando necessário. Mas a tarefa só vai ficando mais difícil, já que sobre o fundo do interminável que deve ser ao mesmo tempo preservado, afirmado e realizado, deve tomar forma e pôr fim uma fala precisa, que só será exata se vier no momento exato. Na verdade, o momento da resposta é mais importante do que a direção da resposta. Uma "verdadeira" resposta que intervém cedo demais ou tarde demais não tem mais poder de resposta; ela fecha somente a questão sem torná-la transparente ou ela se torna o fantasma da questão indefinidamente sobrevivente: outra face do eterno recomçar, onde o

(5) Com a condição que, a bem da verdade, a palavra dialética e as análises de Hegel não dêem lugar, por sua vez, a fórmulas mágicas capazes de responder a tudo. As pesquisas sobre a linguagem são ela próprias enganadoras, na medida em que a linguagem é sempre mais e sempre menos do que a linguagem, sendo ela própria primeiramente escritura, e depois, no final, num futuro não chegado: escritura fora da linguagem. Pergunto-me se o exemplo de Freud, ao inventar, e com que liberdade, seu vocabulário e esquemas de explicação dos mais variados para tentar dar conta do que ia descobrindo, não mostra que cada experiência tem interesse em prosseguir, compreender, formular-se primeiramente com relação a si mesma.



que aparece (dissimulando-se) é o que não tem nem começo nem fim, movimento que não é dialético, que ameaça toda a dialética e que fala na própria linguagem também, fala que não é verdadeira nem falsa, nem sensata nem insensata, sempre ambos, fala mais profunda mas que fala com a profundidade sem

profundeza, - e talvez seja o perigoso dever do psicanalista procurar suprimi-la, suprimindo o que se opõe de fato a toda conduta ou a toda expressão pretensamente normal, mas assim suprimindo-se a si mesmo, encontrando assim a morte, sua verdade(6).

(6) A psicanálise - é sabido - é ao mesmo tempo uma técnica e um conhecimento: poder, ação e compreensão sempre num horizonte científico. É nesse sentido muito semelhante ao marxismo. O poder da técnica é poder de compreensão: mas será a compreensão que dá o poder? Será o poder que abre a compreensão? Tanto um quanto outro, mas de um modo que continua obscuro e equívoco. O médico não pretende atuar no doente; o poder não está situado nem em um nem noutro; está sempre entre os dois, no intervalo que os separa unindo-se e nas flutuações das relações que sustentam a comunicação. Entretanto, praticamente, existe um

doente que deve ser curado, uma técnica douta que não tem outro objetivo senão essa cura e o médico que dela é responsável. A "comunicação psicanalítica" é frequentemente (a sua forma ainda vigente) concebida em termos de poder, e a fala que ela garante é o poder de falar em condições normais de determinada sociedade. De modo que a psicanálise, tornando-se ela mesma nesse caso uma instituição, corre o risco, queira ou não, de ser usada pelas formas institucionais que, historicamente, detêm sozinhas a fala.